

O SENTIDO PRÁTICO

dominou o futebol mais bonito...

Jogo no Estádio do Fontelo, em Viseu.

Árbitro, Henrique Costa (Aveiro).

ACADÉMICO — Adelino: Luís, Afonso, Chaves e Vitor; Fonseca e Virgílio; Valter, Basto, Madeira e Carolina.

SINTRENSE — Esteves; Pardal, Silva, Valente e Eugénio; Marques e Gomes Ferreira; Baptista, José João, Sérgio e Marquitos.

Ao intervalo: 0-0. Golos: 0-1, aos 57 m. Sérgio furtou o esférico a Chaves e encaminhou-se perigosamente para a baliza, saindo Adelino a oferecer o corpo á bola. O mesmo Sérgio aproveitou o ressalto para, com um «bico», enviar o esférico para as malhas, 0-2, aos 71 m; canto apontado por Sérgio, e de Adelino na intercepção e para a vitoriosa de Dias. Neste lance o «keeper» visiensense ficou lesionado, sendo forçado a abandonar o terreno.

SUBSTITUIÇÕES — No Sintrense, Dias rendeu José João, aos 67 minutos; e Madeira substituiu Sérgio, a 10 minutos do final. No Académico, Oliveira ocupou o lugar de Adelino, aos 81 minutos; e Fonseca foi substituído por Armando, aos 89 minutos.

*

Montado em Viseu um cenário diluviano, uma vez que a chuva

Um caso do jogo: os visitantes tiveram algum tempo doze elementos em jogo

Este introito servira para que se fique a fazer uma ideia da qualidade futebolística de uma pugna dirimida em terreno empapado, e, outrossim, se avalie o espirito de sacrificio e abnegação que pautou a acção dos intervenientes.

Duas equipas colocadas num decimo lugar das suas zonas, com a curiosidade de possuirem um «goal-average» semelhante, poderiam, espicaçadas pelo clima especialissimo de Taça, entreter durante noventa minutos um publico estoico, que deu apreciável moldura ao inacabado recinto visiensense.

Seríamos injustos se não alichamos o brio e a honestidade dos jogadores, mas paralelamente faltariamos á verdade se não confessássemos que faltaram ingredientes a uma partida para que atingisse o climax.

Um sintrense mais práctico

Desde inicio que se vislumbrou a ideia que animava os locais — ganhar o meio-campo. E o povoamento da zona laboratorial teria de diminuir, forçosamente, o coeficiente de agressividade, que passou apenas a contar com duas unidades (Virgílio e Basto) para desbaratar uma defesa como a do Sintrense, que raramente se aventurou formando um bloco, aqui e ali indisciplinado posicionalmente, mas sempre com um homem a mais para conjurar os lances de perigo.

E a essa toada cautelosa da equipa de Rodrigues Dias, juntou-se a sagacidade dos seus centro-campistas, que fazendo da anticipação e da rapidez sobre a bola divisas de honra, souberam (e bem) explorar o adiantamento do defesa lateral Luis, para fazerem do extremo Marquitos a capitula de um contra-ataque venenoso. E o certo é que o processo foi frutuoso, uma vez que a velocidade do n.º 11 de Sintra se casou com a agressividade de Sérgio e o oportunismo de José João, três homens que conseguiram á custa de muita pertinácia e generosidade, abrir clareiras num

compartimento onde foi notória a dessincronização dos «stoppers» e a falta de velocidade dos laterais.

Poder-se-á argumentar que os academistas atacaram mais e, consequentemente, poderá desenharse a ideia que exerceram supremacia territorial em muitos lapsos do prélio.

Todavia, se filtrarmos o jogo de cada «onze» concluiremos que enquanto os visitados correram com a bola — o que foi erro tremendo face ao lamaçal —, os sintenses fizeram-na deslizar, variando de flanco, forjando com espontaneidade espaços vazios, solicitando nas melhores condições os seus artilheiros.

Esta dissemelhança de processará, necessariamente, de merecer

que se elejam os homens do «miolo» visitante, como responsáveis de um processo que forjou um êxito que ninguém, supomos, terá reboço em aceitar.

O Académico ainda tentou

Ibañez ainda tentou, após o reatamento, modificar o sistema. Fez avançar Fonseca, exigiu uma mais efectiva presença dos extremos na «batalha» da grande-área, clarificando o sector intermediário, onde pese todo o esforço de Madeira, não se evitava um «déficio» de rendimento, por força de uma maior determinação contrária e por culpa própria, dado que foi sempre latente a impossibilidade de por disciplina numa equipa que não demonstrava maleabilidade táctica.

O primeiro tento do Sintrense, fruto da intranquilidade que sempre reinou no ultimo reduto visitado, estimulou os «negros», mas essa aceleração toda feita de nervos careceu sempre de ordem e clarividência.

E' verdade que o adversário tomou as suas precauções, deixan-

(Continua na 6.ª página)

SÉRGIO (Sintrense):

GANHOU A EQUIPA

que melhor se adaptou ao estado do terreno

Na cabina do Sintrense havia alegria. Sérgio, um dos homens em jogo, e obreiro de um saboroso triunfo, afirmou-nos:

— O jogo foi bem disputado e a vitória acabou por pender para a equipa que mais a mereceu e que melhor se adaptou ao estado do terreno. O Académico de Viseu tem um bom quadro e isso mais valorizou o nosso triunfo.

E proseguiu:

— Fiquei imensamente satisfeito com a exhibição da minha equipa e este resultado poderá vir a ter efeitos moralizadores com vista aos jogos do «Nacional».

J. B.

BASTO (Académico de Viseu):

OS LAPSOS DA NOSSA DEFESA PRIVARAM-NOS DO MERECIDO EMPATE

Havia desanimo no balneário onde se encontravam os jogadores do Académico. Basto, o «capitão» da equipa, era um dos que mais denunciava esse estado de espirito, afirmando-nos:

— O Académico de Viseu perdeu um jogo em que dispôs de oportunidades soberanas para ganhar. O Sintrense — continuou — soube adaptar-se melhor ao estado do terreno e justificou o êxito pelo maior sentido de oportunidades dos seus dianteiros.

O empate seria o resultado mais lógico uma vez que os golos do adversário nasceram de lapsos da nossa defesa.

J. B.

O ACADÉMICO DE VISEU

protestou o jogo

Em contacto com o presidente do Académico de Viseu, sr. António Carlos Lopes, foi-nos confirmado que o clube visiensense protestou o encontro, tomando como base o lance descrito na nossa crónica do jogo.

Tentamos recolher o depoimento do árbitro aveirense, mas ele delicadamente furtou-se a emitir a sua opinião.

Do lado do Sintrense, o professor Rodrigues Dias afirmou-nos que não houvera qualquer ilegalidade e, portanto, não via motivo para protesto.

J. B.

çou a ideia de uma maior valia global, uma maior consciencialização de jogo.

Teremos mais um caso?

Aos 22 minutos do segundo tempo sucedeu o chamado «caso» do jogo. Dias apresentou-se ao «bandeirinha» do lado da bancada, Manuel Campos, pedindo para substituir o seu colega José João.

Concedida a necessária autorização, o Sintrense passou a jogar cerca de meio minuto com 12 unidades, uma vez que o elemento a render se manteve alheio à permuta, continuando em jogo.

Gerou-se natural confusão, ao fim e ao cabo tudo se resolveu no campo, para continuar por certo nos gabinetes da Federação Portuguesa de Futebol.

Nomes que emergiram da lama...

Já dissemos dos argumentos usados pelo Sintrense, para justificar a qualificação: maior sentido prático, superior condição atlética, mais serenidade. Apreciamos agora as suas individualidades. Esteves, um guarda-redes muito castigado, cumpriu cabalmente, revelando segurança e valentia. A' sua frente uma defesa estoica, de quando em vez rude, mas com a vida facilitada pela reuincia sistemática dos avançados contrários. Eugénio e Valente os mais pendulares.

No meio esteve a virtude do Sintrense. Gomes Ferreira, Marques e Baptista foram os cérebros e os motores de um quadro que se movimentou bem num mar de lama.

E, no ataque, Sérgio e Marquitos chegaram e sobraram para as dores de cabeça de Adelino e companheiros.

Um Académico muito «académico»...

A equipa visiense deve estar a ser vítima dos terrenos pesados. A sua equipa é habilidosa, tem elementos prometedores, mas falta-lhe-á peso, mormente no sector avançado.

A defesa soçobrou amiúde, especialmente no jogo raso, evidenciando intranquilidade e falta de entendimento. Desse facto se resentiu o «3» do meio-campo, onde nem Fonseca, nem Madeira, nem Valter ou Carolino (estes dois últimos alternando na zona intermédia consoante a jogada se desenrolava ou não pelo seu flanco), que não lograram rendimento eficiente capaz de disciplinar o jogo.

No ataque a aplicação de Basto perdeu-se na muralha sintrense por nitida falta de apoio. No fundo, uma equipa algo descrente com certa confusão nos processos de jogo.

O árbitro

O juiz aveirense teve tarefa difícil, pois errou muito no julgamento das cargas, nunca sabendo discernir as voluntárias daquelas

(Continuado da 4.ª página)

do apenas, nas proximidades de Adelino, Sérgio e Marquitos. Mas apesar dessa inferioridade nunca os visitantes perderam o hábito de atacar, á custa de uma energia e um espirito de combatividade que puderam suprir bastos lapsos de organização.

E como reflexo dessa maior serenidade, acabaram por alcançar segundo tento com certos ressaltos de exagero, mas que refor-

tras provocadas pelo estado do terreno. E á medida que o jogo prosseguia mais se assentou o seu desnorte, até cair na mediocridade. No lance das substituição também terá as suas culpas.

JOÃO BRAVO